

5. Reflexões

Depois de toda conferência, depois de toda leitura de artigo meu, sinto nitidamente aquele gosto amargo na boca que é sintoma de embriaguez “superada”. Não apenas porque sinto ter falhado sempre no esforço, mas principalmente porque sinto a dubiedade do próprio esforço.
(Vilém Flusser – *Bodenlos*)

Quando se escreve algo que já está circulando pré-pensado, o resultado é sempre insatisfatório. Talvez a própria prática da escrita assim o seja, pois ela parece estar sempre aquém daquele incômodo que a gera. No entanto, é exatamente por isso que suas possibilidades são inesgotáveis. A escrita não se esgota em si e, nesse sentido, é sempre começo. Assim, chego ao fim dessa dissertação encarando-o como o fim de um início.

As reflexões que fiz neste trabalho não convergem para um fim último e a nenhuma conclusão cheguei. Considero isso valioso, na medida que não esgotei meu tema. Ao contrário, abri uma gama de discussões que não foram fechadas e merecem dedicação futura.

Para começar, meu tema não é a obra do filósofo Vilém Flusser, mas as escritas de si. Em particular, a escrita autobiográfica. *Bodenlos*, a autobiografia filosófica de Vilém Flusser foi o objeto que usei para pensar e problematizar esse gênero já tão estudado e que, paradoxalmente, continua a incitar tantas discussões. O principal desafio, portanto, era ter algo diferente a dizer sobre um tema abordado à exaustão.

No entanto, para se chegar a algo diferente é preciso saber o que já foi dito e conhecer as peculiaridades daquilo a que se põe a estudar. Se a vida e a língua

são dinâmicas, a construção linguística de uma vida não parece esgotar suas possibilidades de análise. A escrita autobiográfica borra as fronteiras entre história e ficção sem resumir-se a nenhuma delas. Ao dar conta do passado, cria uma história que muitas vezes foge à história oficial. Quando o faz resulta em grande legado, pois abala as estruturas do pensamento tradicional, problematizando o conceito de verdade e dando voz àqueles (autores e obras) que estão à margem do cânone.

Sua relação com a ficção também é complicada. A consciência contemporânea da impossibilidade de qualquer representação da realidade, pode levar à leitura superficial de que, uma vez posta em papel, qualquer vida se torna ficção e que, portanto, a autobiografia é um gênero fracassado. Seria mais interessante pensá-la em termos de autoficção. Esta, porém, já ganhou cores próprias, tão ricas em complexidade como as de sua mãe, a autobiografia. Não trato dela aqui. Tampouco das outras várias escritas de si, como o diário íntimo, que, como *Bodenlos*, acompanha o fluxo de uma vida, espelhando a fragmentação do cotidiano, interrompido diariamente pela nascer e o pôr do sol. Ou ainda do autorretrato, que escrita calcada mais na identidade do que na relação temporal com aquele que escreve.

Neste trabalho, parti do que talvez seja uma das maneiras mais tradicionais de pensar a autobiografia: sua relação com a memória. Trata-se de uma visão tradicional, pois qualquer leitura do gênero necessariamente passa pela reconstrução que faz do passado a partir da memória de seu autor. Essa memória é seletiva, incerta e incompleta. Segundo Vilém Flusser escrever uma autobiografia é movimentar-se no tempo dentro de um espaço imóvel, de modo que a relação com o passado está irremediavelmente ligada à relação com o espaço do papel. É aí que o tempo ganha sentido e a chance de seguir uma linha reta e contínua. Ao fazê-lo, une passado e futuro, problematizando a própria temporalidade sobre a qual é calcada.

Por isso proponho pensar a autobiografia não apenas como escrita que pretende dar conta do passado, mas, sobretudo, que é voltada ao futuro. Esse voltar-se ao futuro, no entanto, não é declarado nem encontra fim na compreensão

do leitor. É o futuro de um pensamento, que move o autor durante sua escrita. Trata-se daquele projeto, recalçado ou não, que orienta sua vida e a partir do qual quer ver-se e ser reconhecido. Nesse sentido que leio a autobiografia de Flusser pela ótica da autofiguração.

Autofiguração não seria um gênero, mas um modo de leitura de textos biográficos. Definir o termo como conceito seria restringir suas possibilidades, mas ele está associado ao texto de Paul de Man *Autobiography as a de-facement*, no qual lê a autobiografia como uma figura de leitura e compreensão, cuja estrutura implica tanto em similaridade quanto em diferenciação. De Man propõe compreender o texto autobiográfico como prosopopeia, figura que dá características humanas ao que não é humano. Deste modo, é possível lê-lo como estratégia discursiva que dá vida à escrita, num movimento duplo em que mascara e desmascara a vida da qual parte a escrita.

Ao voltar-se ao passado, Vilém Flusser cria retóricas que figuram para si uma determinada posição cultural. Constitui-se intelectual de orientação prática ligada à filosofia, ao ensaísmo e à docência – todos inseparáveis – e cuja forma de agir e pensar só é possível graças à condição de exilado. Faz isso em novo exílio, tema que atravessa toda a sua obra, não apenas com a introdução de textos em que reflete sobre essa condição, mas porque é a própria coluna dorsal que a sustenta. A reflexão sobre o exílio, a situação que chama de “falta de fundamento”, no entanto, não se calca em definições seguras e estáveis.

Mas há os que se encontram na falta de fundamento, por assim dizer, objetivamente, seja porque foram arrancados da realidade por forças externas, seja porque abandonaram espontaneamente uma situação aparentemente real, mas por eles diagnosticada como fantasmagoria. Os que caíram, portanto, na falta de fundamento ou a escolheram. (FLUSSER, 2007. p. 20 – 21)

A escrita de Flusser é ensaística e, como tal, avessa a restrições. Desse modo, não se prende a definições conceituais, pois seu próprio proceder é uma reflexão sobre o exílio. Não apenas reflexão, mas exaltação, pois não pensa esse lugar como melancolia e luto, e sim como potência. É graças à experiência de ter de abandonar a própria terra - e com ela a família e o passado – e também a língua

materna - e com ela seu projeto de futuro -, que Flusser é tudo o que é. Ou melhor, é tudo diz ser em *Bodenlos*. Ao assim declarar-se, porém, se cria, inaugura uma verdade para si.

Vista dessa forma, o discurso autobiográfico é um ato criador. Particularmente, *Bodenlos* é um ato de escrita que se mantém em processo durante 20 anos sem perder sua qualidade de ato, e também fundador de determinado Vilém Flusser, personagem social raro e complexo. Por mais que elabore várias estratégias, usando da modéstia de complexificando a narrativa em formas variadas para melhor dar conta da complexidade de uma identidade “sem fundamento”, porque fragmentada, instável e fruto de tensões múltiplas, Vilém Flusser não consegue escapar de certo enaltecimento de si.

Partindo da obra de Vilém Flusser para estudar o gênero autobiográfico tangenciei dois assuntos que merecem mais atenção futura. O primeiro é o lugar instável do discurso ensaístico, ponto de encontro entre teoria e discurso crítico, que possibilita e realça as contradições inerentes a toda autobiografia e em especial a *Bodenlos*, permitindo vê-las em sua riqueza. O segundo e talvez mais importante, maior contribuição desse trabalho, é o lugar do exílio como potência. Esse enfoque vai contra uma tradição que, desde a Antiguidade, associa a migração ao castigo. Segundo Maria José de Queiroz:

Ligado, semanticamente, às expressões mal du pays (fr.), homesickness (ingl.), Heimweh (al.), o exílio vincula-se, por interação, ao largo espectro dos males da ausência. Vinculados à idéia de perda e desarraigamento, podem traduzir, se não uma, todas as infinitas acepções da saudade portuguesa, da morriña galega, da soledad castelhana, da Sehnsucht germânica. (QUEIROZ, 1998. p. 20)

Em Flusser, o exílio perde esse caráter para significar liberdade. Libertando-se dos grilhões que ligam alguém à pátria, o homem é livre para fazer suas próprias escolhas tornando-se “vanguarda do futuro”, como ele mesmo diz. É vontade de potência, para recorrer à expressão de Nietzsche e indício de

superioridade. Ao exaltar o exílio Flusser está exaltando a si mesmo, mas também está abrindo àqueles que ficam novos caminhos para reflexão.

Que fique claro que ao dizer isso não estou reificando meu objeto de estudo. Minha leitura em relação a Flusser não segue essa linha. Sua construção de exílio como lugar de potência, o que não passa de um ato discursivo associado ao que defendi como estratégia de autotransfiguração, é o que merece ser pensado com mais atenção. É o mesmo caso do papel de intelectual, que deve ser melhor problematizado.

O pontos tratados acima são os símbolos da minha embriaguez superada em relação a este trabalho. Porém, prefiro não sentir o gosto amargo como sintoma de fracasso, mas como prévia de embriaguez futura.